



X

Da causa à Coisa ¹

Sumário

O objeto a e a sublimação.....	2
O ensino de Lacan	3
A transmissão de Freud.....	4
A erótica da Coisa é uma erótica de borda	6
A teoria da sublimação.....	10
E o objeto causa?	12
<i>O cabo Daciolo é causa de Bolsonaro?.....</i>	<i>13</i>
Qual a relação entre o objeto a e a sublimação?.....	15

¹ Este texto reproduz encontro de 04.10.2018, do seminário do ICP-RJ “A Clínica do Fim do Mundo”, transcrito por Cida Malveira.

Hoje quero dar aula. Posso dar aula? Dar aula é mais fácil. Achei que estava na hora de introduzir sistematicamente o tema da sublimação, acho que agora é um bom momento. Vocês se lembram, que esse seminário é sobre o objeto *a* de Lacan, objeto causa/resto, nem causa, nem resto, no mesmo sentido do dicionário.

Queria interrogar sobre o disfuncionamento, a pouca eficácia da clínica com relação ao objeto *a*. Ao mesmo tempo apreender da clínica lacaniana que é basicamente em torno desse objeto *a* e experimentar os aspectos da clínica que não são relacionados a esse objeto *a*, ou mexem com isso de outra maneira, é aí que entra o tema da sublimação.

O objeto *a* de Lacan é definido com relação ao recalque, mas há um fazer com ele que nos aproxima do que Freud chamou de sublimação, é disso que se trata nosso percurso.

O objeto *a* e a sublimação

Queria fazer um percurso hoje apresentado como um percurso, tipo aulinha, esse percurso seria "**Da Coisa à causa**", usando dois grandes significantes de Lacan. Estamos muito em torno da causa, da causa enquanto objeto resto, não da causa ideal *a* do sentido comum, do dicionário, em torno da causa, com a causa, talvez vamos entender melhor a diferença a especificidade do objeto *a* como causa, quando dermos um passo para trás a partir do real como Coisa. Achei que tem a ver com a véspera da eleição, as pessoas estão tratando Bolsonaro como se ele fosse "*a Coisa*", "*o Coiso*", é para diminuir, mas na verdade não diminui, "*o Coiso*", fica pior, achei que poderíamos começar com a *Coisa* de Lacan, ir para a causa, isso se localiza conceitualmente, "*a Coisa*", Lacan trata disso no *O Seminário Livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960/1998)* e a causa no *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/2008/)*. A *Coisa, das Ding*, é um conceito de Lacan do seminário 7 e o seminário 10 e 11 o conceito do objeto *a*, lembrando que nosso percurso vai depois do Lacan do *O Seminário, Livro 23: O Sinthoma (1975-1976/2007)*, para pensar "que fim levou a causa, quando estamos falando de enlaçamentos, coletivos, ativismos, de outra maneira ainda, existe uma teoria da sublimação, no seminário 7, envolvendo *a Coisa*, e existe uma teoria da sublimação do seminário 23 que já não tem mais nada a ver com *a Coisa*."

Se colocamos assim esquematizado, a *Coisa* e o real, o real *da Coisa*, o real da causa, a maneira de lidar com o real através do conceito *de Coisa*, a maneira de lidar com o real através do conceito Nó, são ferramentas.

Primeiro *o Coiso*, depois o cabo Daciolo o que para mim ficou transparente, porque ele é a causa no sentido de Lacan, só que da última vez, ninguém pegou e nem eu consegui explicar, hoje vou tentar, vou voltar para *a Coisa*. Vocês percebem que no sentido que Lacan usa, se eu tenho razão, o sentido da causa que Lacan usa, se eu digo que *o cabo Daciolo é a causa do Bolsonaro*, ninguém entende, ele é muito mais, uma espécie na melhor ou na pior das hipóteses, uma versão vagabunda, uma versão mais delirante, do mesmo discurso, é essa relação que quero retomar e não apenas com o cabo Daciolo.

O ensino de Lacan

No seminário 7, um seminário fundamental de virada de Lacan, ele partia a cada vez de um texto, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, com uma base freudiana, no 11 ele não tem uma base textual freudiana, no 11 ele faz a virada. Os seminários de 01 a 10, seminários de leitura, Lacan começou com grupo de estudos na casa dele, depois ele foi para o hospital *Sainte Anne*, onde ele trabalhava, tinha um grupo se reunia numa sala, nas quartas feiras. Era um seminário de leitura dos textos de Freud, e assim foi indo. No sétimo ano, ele propõe ler o Projeto. Os seminários foram:

O Seminário, livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1956-57/1986).

O Seminário, livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. (1954-55/1985). Narcisismo.

O Seminário, livro 3(1955-56/2002). As psicoses”Caso Schreber

O Seminário, livro 4. A relação de objeto (1956-57/1985). Caso Hans

O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-58/1999). O chiste e o sonho

O Seminário Livro 6: O desejo e sua interpretação. (1958-59/2016). Talvez seja interpretação dos sonhos.

O Seminário Livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960/1998). Projeto.

No Projeto (Freud, 1995 (1895) ele toma uma situação específica, que é: Freud escreve *Nebenmensch*/Complexo do Próximo), que vai permitir que alguém faça uma ação específica, uma vez que tudo vai ter que vir do Outro. É preciso o Outro, para que exista o que Freud chama ação específica. É preciso o próximo, *Nebenmensch*, a pessoa próxima, isso é que vai fazer as facilitações que vai definir a experiência, a experiência de satisfação. A experiência de satisfação deixa marcas, são trilhamentos e esses trilhamentos são fixações pela experiência proporcionada por alguém, a criança não tem como fazer essas experiências, ela nasce desprogramada. É o Outro que vai mediar e fornecer ao mesmo tempo os trilhamentos para essa mediação, produz a experiência de satisfação, quase. E essa produção deixa as marcas.

Então, dessa experiência de satisfação, haverá um tanto que ficou marcado, isso que ficou marcado é o que vai se reacender na próxima, por exemplo, a imagem da mãe, o cheiro da mãe, o gosto do leite, mas a experiência de satisfação, pelo menos da primeira vez, não tinha essas coisas antes, ela vem “eu tive”, a experiência é que deixou a marca, foi quase de graça “eu era um bebê, desesperado, legumezinho e o Outro vem e formata uma experiência de satisfação. Na segunda vez, quando houver necessidade novamente, vão ser iluminados os trilhamentos que correspondem, a necessidade anterior e agora “vou buscar de acordo com o que eu lembro, no mundo, o que corresponde”.

A segunda experiência é mobilizada pelo desejo, “consigo buscar, mais ou menos, alguma coisa, antes não, antes poderíamos dizer que era gozo, a segunda já é desejo e na segunda, já perdi alguma coisa, porque só “vou obter a experiência de satisfação”, passando pelas mediações das lembranças. A *Coisa* em si, “a pureza da experiência da minha mãe, não tenho mais, só tenho agora, os pedacinhos de mãe, me levando, para a experiência, com minha mãe, mas agora a mãe já é a que vou recordar, não é mais a mãe da percepção imediata, a encontro através da recordação”. É assim que Freud faz e Lacan retoma no Projeto, no seminário 7, entre outras coisas

O que era mais ou menos compreensível, estruturado mais ou menos como a experiência de uma criança-mãe, Lacan abre e generaliza, como ele faz muitas vezes. Ele diz, “a constituição de si é feita pelos trilhamentos e esses trilhamentos vão sempre perder a *Coisa* em si”, a *Coisa*, está vedada para aquele que fala enquanto tal, está interdita, porque a experiência da *Coisa* em si, não dá mais, porque “só posso ter a *Coisa* em si, através dos trilhamentos”, não posso ter a experiência do absoluto da *Coisa*, só posso ter a experiência da *Coisa*, com alguma coisa que não consigo chegar, “minha mãe, como objeto total, está perdido para sempre, a partir do momento que ela marcou em mim, ela mesma, ela será agora um objeto que não é exatamente total como era o primeiro, porque só chego a ele através de uma grade de leitura, que nunca vai ser exatamente o real”.

Participante: miticamente!

A palavra miticamente, você não vai encontrar nem no projeto, procure se achar concordo. Lacan está dizendo, essa experiência de satisfação, não aconteceu, isso é ele já generalizando, “o ser falante, necessariamente, tem uma experiência prévia que depois vai ser perdida, ou, talvez não! O que importa é, “se você é um ser de fala, a *Coisa* em si, você não tem mais acesso direto. Falando de outra maneira, uma frase do seminário 7, “não há acesso ao real que não seja mediado pelo simbólico”.

Participante: mas mítico é alguma coisa que funda alguma coisa que se inicia ali.

Mítico é, houve alguma coisa que aconteceu, para fundar.

Participante: precisar dizer para começar alguma coisa.

A transmissão de Freud

Por exemplo, quando Freud fala que há um ego primordial, que é autoerótico, para Lacan esse ego primordial é mítico, não tem ninguém lá, tem uma coisa e daqui a pouco, quando perde um pouco de satisfação, vira alguém, porque o real é excessivo, “eu não consigo lidar com o excesso, tenho que me proteger, quando me protejo, ou crio os trilhamentos para mediar a relação direta com o real, ai eu viro gente”. Quem estava lá antes? Ninguém, mas Freud fala em alguém primordial, ego primordial, nesse sentido é que seria mítico, como nos mitos.

Temos o mito de Tupã, depois “vimos dele”, esse Tupã existe ou não existe? Existe como mito, necessário, para podermos imaginar que perdemos, “eu preciso ter o paraíso como mito, para pensar que a vida é feita “meio perdida”, senão como entender que as coisas são sempre “meio-erradas”. Suponho que a primeira vez elas foram meio-totais, para depois voltar para lá, só que

Freud diz que é mito, o que ele está falando, só que Lacan não quer mito, justamente, ele vai mexer com os neurônios do projeto.

A transmissão do Freud é mítica, “imagine um bebezinho com outro numa banheira, ele fala: “você não tem porque cortaram”, sei lá se isso aconteceu? É necessário que imaginamos que tenha acontecido, para entender “porque a gente é, como é”, isso é a ideia de funcionar como um mito. O mito conta uma historinha da origem: que coisa absurda que tem.

Na República Dominicana, tem uma espécie de Ilha, todo mundo vive com todo mundo, tem uma pequena população que tem uma espécie de mutação, os meninos “guevedoce”, não nascem com “pinto” ou “pênis” só aos 12 anos, cresce. É uma mutação genética, tem uma enzima atuando, ela que produz a testosterona, que vai fazer crescer o pinto, quando o bebê ainda estava na barriga da mãe, não eram homem nem mulher, aí a enzima atua, e só na puberdade vão receber uma segunda onda de testosterona, o corpo responde e aí cresce o pinto, só cresce aos doze anos, enquanto isso eram só meninas, criam-se as meninas sem saber se é menino ou menina.

O que vai dizer os geneticistas *trans*? É tudo uma questão de competição e sucesso reprodutório, se tivéssemos num mundo em que isso fosse lindo, essas pessoas casariam mais, teriam mais filhos, a raça aumentava. Eles não são um erro da natureza, o hetero é o esforço contínuo de reprodução dos heteros. As mutações nem sempre vão no sentido do hetero, elas podem ir no sentido outro, mas elas são tratadas como mineira e impede a reprodução, pelos menos, historicamente. Isso é para mostrar que a genética é determinada pela cultura, e não a cultura é determinada pela genética. Isso é louco!

É para dizer que existe uma raça qualquer e se viéssemos de Marte, diríamos que essa raça, criou um sistema para se reproduzir, muito bem-sucedido, o sistema não é “existem homens e mulheres”, o sistema é, existe uma coisa que distribui a falta de maneiras distintas, essa coisa é chamada falo. Isso é para o Freud, mais existe um atributo, uma coisa que faz tear a anatomia que distribui a falta de maneira distintas. Para uns, eles tem um negócio que permite o prazer, quase que manual, mas eles tem medo de perder, de não saber usar de ter um outro que vai tirar deles, negatividade, eles só ficam mais a vontade quando se juntarem com os outros, ai vão acreditar que são mais potentes e de outro lado tem uns que acham que não tem esse acesso direto, precisam encontrar alguém para ter acesso direto ao prazer, negatividade dos dois lados, masculina e feminina.

Do lado que vai ser dito masculino tem alguma coisa no corpo que pode mexer e gozar, mais é meio duvidoso se isso vai durar para sempre, tenho que provar o tempo todo que sou poderoso, e vou ficar melhor quando eu conseguir fazer o Outro – que está do outro lado – gozar. “Você é o único homem que me faz feliz”, agora eu tenho um pênis ou um falo que nunca vão tirar, enquanto ela ficar gozando comigo. Então, negatividade, me falta o outro lado para eu ficar tranquilo no meu gozo, e do outro lado é: eu sou um ser que não tem acesso direto, só tem se passar pelo Outro, se eu passar pelo Outro, eu sei que tenho, mas não posso perder, negatividade complementar, isso é uma mutação genética ou cultural, que passou para a genética.

Era esse o raciocínio, uma mutação cultural que passou para a genética e funciona bem, isso era para dizer que Freud, criou um mito, do Édipo, da castração, para montar essa estrutura, uma estrutura de uma distribuição da negatividade, distinta em cima de um só atributo e não dois, seria um dado da natureza da nossa cultura. Mas isso está mudando, hoje, as pessoas querem que tenha dois atributos: pênis e vagina e mais outros, isso é um outro tipo de funcionamento e que talvez dê em tanta multiplicidade, que a reprodução se perde. Talvez tenha havido tribos assim, os neandertais assim, só que perderam porque não reproduziram tanto, alguém pode dizer: mais hoje em dia tem reprodução assistida! Vai ver que é por isso que está assim, essa pouca vergonha.

Não é o fato de Freud achar que o falo é tudo, mas o falo é um fator de distribuição. O sim e o não, com o sim e o não fica mais fixo, a complementaridade, as pessoas acreditam que é real. Se fizesse uma coisa e outra coisa, porque não é outra coisa. Quando se tem 1 e 2, porque não 1 e ½ ou 3, porque não poliamor, tudo isso aparece quando você tira o sim ou não. Entendam que é muito mais adaptado no sentido da reprodução para uma raça, provavelmente a ideia do falo, é só por isso que fez tanto sucesso. Lacan fala isso no *O Seminário Livro 19: ...Ou pior (1971-1972/2012)*, “o Édipo é questão de adaptação da raça”, essa é uma boa ideia.

A *Coisa* no seminário 7, Lacan retoma o Projeto, onde Freud já tinha falado miticamente na experiência de satisfação, mãe-bebê ele vai dizer, se nós somos seres da cultura, então o real está perdido como tal, como vai ser nossa relação com esse real? Ele vai se apresentar como uma *Coisa* em si, fora das coisas, ou no âmago das coisas, no coração das coisas, tem lá o real das coisas, só que não tem acesso ele, sempre que vou chegando, só consigo acessar a partir dos nomes, das ideias, dos conceitos.

A *Coisa* é excluída exteriormente, e Lacan inventa o termo extimidade e essa é também a ideia do êxtimo freudiano, no mais íntimo, temos o mais estranho, o que não consigo dizer, vai valer para o fundo de alguém ou da própria civilização, o coração das trevas, tudo isso, não é na periferia que vamos encontrar o real, mas no interior. Na periferia também, mas é como se fosse um interior excluído. Esse é um primeiro ponto, tenho pelo menos cinco.

A erótica da Coisa é uma erótica de borda

Há toda uma erótica da *Coisa*, se pegarem a estrutura, Lacan vai trabalhar no seminário 7, isto está demonstrado por Freud, não miticamente, no Projeto, por isso o complexo do próximo, na experiência de satisfação. Ele diz, “há um complexo do próximo, e uma parte são os trilhamentos que ele deixou e uma parte é quase que o real dele mesmo, é quando Freud usa a palavra *das Ding*, Lacan pega a palavra e diz é a *Coisa*, temos o passo a passo de Lacan no seminário 7, o complexo do próximo se divide numa parte recordável e numa parte não recordável. Essa parte recordável é a *Coisa* do próximo, é mais ou menos assim que está no Alemão, no Freud, Lacan pega essa palavra e fala é a *Coisa*, que é justamente a parte de alguém que eu não tenho como dizer o que é. É onde ele é o mais estranho, ai aparece a erótica da Coisa.

É exatamente aquilo que mais quero, que eu quero chegar no real das coisas, o movimento do desejo é esse, eu quero a satisfação em si, não quero a satisfação sonhada, ansiada, eu quero a satisfação em si. Ao mesmo tempo, se somos seres constituídos de falta, de busca da satisfação

que não tem em si, se por acaso eu tiver a possibilidade de chegar perto, da satisfação em si, eu não vou ter prazer, vou ter angústia, vou me assustar, por exemplo, é a falta da falta. A falta começa a faltar e vou me assustando, a erótica da *Coisa*, fica de borda, é a erótica quase da zona erógena freudiana.

A principio é uma experiência que todos os neuróticos partilham, se você realiza, tem a impressão que chegou na *Coisa*, não é gostoso, não é fofo, o fofo é recuar, o gozo da *Coisa* está vedado à aquele que fala enquanto tal, mas, isso não quer dizer que ele tenha apreensões do gozo da *Coisa*, que não possa chegar perto e se assustar com aquilo, não é que vai cair lá, mas a sensação é que está mergulhando no vulcão, por isso que Empédocles mergulhou no vulcão, estou falando de *Eros* e *Tanatos* e segundo a ideia, ele teria mergulhado no vulcão, temos a sensação de estar caindo no vulcão, mais isso é pesadelos, vai caindo, acorda para não cair na *Coisa*, é uma erótica de chegar perto, e vai ficando cada vez melhor até que fica horroroso, talvez vocês já tenha tido experiências assim, se quiserem contar!

A ideia do êxtase é que no mesmo ponto do êxtase é também o ponto de horror, isso é o que Lacan chamou de gozo, a gente está sempre em falta com relação ao gozo, a gente está sempre no desejo, mas estamos buscando o gozo, mas o gozo mesmo seria a morte, essa é a erótica da coisa desenvolvida no seminário 7.

Quero marcar e desenvolver um pouco, porque depois quero contrapor com a causa, só que a gente não consegue ver a diferença, pensamos que a erótica da causa é igual a erótica da *Coisa*, porque somos muito, seres da *Coisa*.

Nesse seminário, Lacan pega o exemplo do Kant, porque se alguém para Lacan falou sobre a Coisa foi o Kant, que era alguém que não tinha nada de gozo, mas essa ideia de que tem uma coisa que é para além de tudo que está no centro de tudo e não tem como acessar é kantiano, não tem a Coisa em si, a erótica da Coisa não seria muito o Kant, mas Lacan faz um jogo de Kant com Sade para mostrar que Sade é Kantiano, só que acrescentando a erótica da *Coisa*, se for gozar lá no fundo é uma morte desgraçada.

Tem duas falas fortes de Lacan que vão nos servir e talvez sirva para pensarmos a erótica da *Coisa*, que é: *qual é a última barreira antes da Coisa?* A última barreira antes da *Coisa* é o prazer. O prazer é uma barreira ao gozo. Tentem imaginar isso. Eu estou chegando, chegando, chegando, se eu der um passinho para trás eu tenho prazer, e agora não quero mais ir, é esse o prazer, o prazer não é oposto ao gozo, ele é a última barreira antes do gozo, é mais eficaz, é aquela hora “foi bom meu bem!”, quando você fala “foi bom meu bem”, já não é mais o gozo, ou se no meio do caminho você fala, “como está sendo bom”, pronto, esse é o idiota. Se você tem um mínimo de capacidade de estar do lado da *Coisa* um pouquinho, você percebe o quanto é idiota um cara que está falando isso. “Como está bom, né!”, não fala.

“A palavra é a morte da Coisa”, mas quando a pessoa está fazendo isso ela não está fazendo para matar a *Coisa*, até é, também tem todo um desenvolvimento sobre o obsessivo nesse seminário de Lacan, que é como o obsessivo tem o dom de fazer isso, matar um pouco o gozo para poder ficar para trás, mas não é o que quero dizer. A pessoa está gozando, mas acabou de dar uma recuadinha para ficar com o prazer e não com o gozo. E aí se ele não conseguiu muito, está preocupado, ainda faz uma fala, que não precisava, agora, imaginem sem fala, só ficar no

prazer, você está no prazer e começa a gostar, “Ah! Que bom que está isso aqui” aquilo que era terrível parece ser bom.

Participante: chega o mais perto possível do prazer

Não. O prazer é a maneira de você se salvar do gozo, do gozo em si, você vai desaparecer. Se pensarmos que tem um muro, fica fácil, mas não tem um muro, você pode mergulhar lá e morrer, podemos ver isso numa overdose, fazendo uma figuração é alguém que foi, foi e passou, passou ele, ela não, mas aí ela tem que cortar e andar com aquilo para poder se segurar.

Participante: o prazer, para uma proximidade maior

Supondo que a *Coisa* está vedada para aquele que fala enquanto tal, mas que um ser humano pode se perder de si o bastante para ir embora e nunca mais voltar. Essa experiência, em geral é travada pelo prazer, supondo que você possa mergulhar na *Coisa*, a erótica da *Coisa* é uma erótica do desespero, êxtase, desesperador, mas também não tem ninguém para voltar para contar como é que é. As experiências mediúnicas também têm a ver com isso. Mergulha num lugar, só que tem toda uma ritualização e também tem o fim da *Ayahuasca* que passou no sangue e você volta, tem todo um ritual para voltar. Isso é você voltar e ter histórias para contar.

Os mitos contam o estado da civilização da civilização, qual é o mito que tem na civilização americana, a nossa? Quando a pessoa está em coma e vê luz no túnel, “eu vi a luz”, é um mito pobre, mas é um mito, é um jeito de recuar, “você não estava lá, você vê um túnel e quase que você foi, minha mãe me chamou, eu não quis ir”. Essas são maneiras de desenhar a borda, a erótica da *Coisa* não é uma erótica de borda, o prazer está no perigoso, na periferia do gozo, que é perigo, mas não é o perigo do gozo, não é o gozo em si.

Participante: na clínica aparece muito como uma realização da fantasia e quando realiza a fantasia, o prazer da fantasia e quando transforma a fantasia em realidade, vem muita angústia.

De uma maneira mais geral, podemos dizer que qualquer grande realização é marcada pela angústia, só que na mesma hora alguém vai fazer uma maneira de criar uma borda “Ah! Como isso foi bom. “Você quis, não quis? Agora você conseguiu, tem uma maneira de fazer com que isso vire a borda da *Coisa*, “eu acabei de chegar na *Coisa*”, mas digo, “não era a *Coisa* não!” “Você pode comprar o próximo”, podemos dizer de outra maneira o que você está dizendo, o que traumatiza, é a fantasia de acontecer.

O que é o trauma? O trauma não é a violência, é a violência que você imaginava que podia acontecer, mas que você imaginava ou de certa maneira, faz parte do seu programa, que isso esteja no lugar do gozo, e aí o lugar do gozo, acontece. Isso é traumático, porque “você não consegue voltar e fazer borda”.

Como é nossa sociedade? Hoje a ideia é: qualquer fantasia, realize. A fantasia do lado fofo, você se perde da *Coisa*, se não realiza fica marcada porque a *Coisa*, “fique só na beira”, isso era a fantasia da sociedade patriarcal, agora a ideia é: realize. Realizar é bom, se tem vontade de três, vamos de três. O caso de Lacan é muito bom, está na Direção do Tratamento:

(...) em síntese, ele é impotente com a amante e, pensando em se valer de suas descobertas sobre a função do terceiro potencial no casal, propõe-lhe que ela durma com outro homem, para ver no que dá.

Ora, se ela fica no lugar em que a neurose a instalou e se a análise lhe diz respeito nesse ponto, e pelo acordo que sem dúvida ela fez há muito tempo com os desejos do paciente, porém, mais ainda, com os postulados inconscientes que eles sustentam.

Por isso, não há de surpreender que, sem delongas, ou seja, na mesma noite, ela tenha o seguinte sonho, que relata incontinenti a nosso despeitado:

Ela tem um falo e sente-lhe a forma sob suas roupas, o que não a impede de ter também uma vagina e, acima de tudo, de desejar que esse falo a penetre.

Nosso paciente, ao ouvir isso, recupera no ato seus recursos e o demonstra brilhantemente à sua sagaz companheira (Lacan. A Direção do Tratamento. Escritos. p. 637)

O que mostra que o falo não depende do homem, quando ela conta para o amante, impotente, ele fica com o pau duro e transam. Lacan vai dizer o que foi o efeito desse sonho sobre ele, reativou o órgão, ele não tinha o falo, tinha só o pau, quem tinha o falo era ela, isso dá tensão nele e o órgão funciona. Esse exemplo é superinteressante para discutir sobre o falo.

A erótica de borda da *Coisa*, essa borda é o lugar do prazer, o gozo está logo ali, se o gozo está logo ali, o prazer é aqui, o prazer se localiza na vizinhança do gozo.

Lacan fala que a barreira do gozo é o prazer, e a barreira ao gozo é o belo, e desenvolve o que é o belo porque é um seminário que num segundo tempo vai em direção a sublimação.

Existe uma erótica da *Coisa* e uma maneira de lidar com a *Coisa* que não é sexual, no sentido da prática sexual que é a sublimação, é uma maneira gozosa de desejo.

Esses objetos de borda, que vão ficar catexizados, investidos como a vizinhança, são objetos de prazer, são objetos mentais, concretos, não sendo o desenho da fantasia, eles estão nas vizinhanças da *Coisa*, de certa maneira como na metonímia podemos dizer: é com isso que gozo. Mas ele é um recuo. Freud diz de outra maneira, “a Coisa é o horror da castração, é a cabeça de medusa”. Você recua e fica apaixonado pela calcinha por metonímia”, não precisa ser a calcinha como diz Freud, mas pela coxa, pelo entorno, da vagina, que seria o lugar do horror, isso é mitologia freudiana, são as vizinhanças da Coisa, seja qual for a Coisa para cada um.

Quero insistir nesses objetos de borda para depois fazermos a diferença com o objeto *a*, que não é um objeto de borda, vamos supor a vizinhança do consultório do analista, ali tem sempre qualquer coisa, em geral se for uma análise forte, não quer dizer que seja melhor ou pior, mas se está acontecendo alguma coisa do registro do gozo, a vizinhança fica também encantada, vai comer não sei o quê! Eu falo disso no meu testemunho de passe: do crepe, o bairro fica legal, é o prazer. Se fôssemos fazer uma cartilha poderia dizer: não pode fazer nada no bairro de seu analista, porque você está fazendo uma barreira a *Coisa*. O prazer que você tem antes e depois da sessão de análise, diminui o gozo da análise, diminui, não, mas faz barreira, pode ser o

contrário também, fazer daquilo que seria muito angustiante seja possível. É uma cartilha para uns, não para outros.

Essas pequenas coisinhas que são só mediação com a *Coisa*. Pode-se dizer que ali é o gozo, mas ali é o prazer nas vizinhanças do gozo em si, esses são os objetos de fronteira. Os seres de fronteira, são com eles que vai se sentir a *Coisa*, mas ao mesmo tempo não, os vampiros, os zumbis. Eu vi um filme de zumbi que era bem interessante, ela passava a noite com um zumbi, depois ela descobriu que era o ex marido por quem estava apaixonada. Ela sente uma coisa por aquilo e depois vamos descobrir que é isso, mas os zumbis são sempre seres entre-dois, o diabo também, não é Deus, Deus é a *Coisa*. O diabo está na vizinhança da *Coisa*, é um anjo caído, se apresenta cada vez de um jeito.

A teoria da sublimação

O que é a *Coisa*, não dá para saber, ela não tem figuração, o prazer tem localização, o prazer também, tem figuração, isso é o que Lacan chama de Belo, se acha bonito o negócio, já não é a *Coisa* para você, você deu uma recuada, não no sentido de covardia, recuada para sobreviver. Uma obra de arte em que você fica tocado, enlouquecido, recua um pouquinho e acha bonito, já sabe que não está enlouquecido.

Tem uma teoria da sublimação que Lacan vai fazer a partir daí as pessoas achavam que sublime é isso, você faz a *Coisa*, mais que perfeitamente a *Coisa*, aí sublima. Kant colocou que a *Coisa* é a tempestade, a natureza, antes disso o sublime era elevar uma coisa para ela ser a *Coisa*. Eu desenho uma mulher de uma maneira tão linda que vai ser a perfeição da mulher, Monalisa, para quem consegue achar que é a coisa mais perfeita, o sorriso, a ingenuidade, não sei quê, da Gioconda. Isso seria o sublime. Temos Freud, Lacan e outros para dizer isso é sublime, só que não é a sublimação, a sublimação não é pegar a *Coisa* e representá-la, a sublimação é você representar o entorno da *Coisa* e construir o entorno da *Coisa* e deixar a *Coisa* no meio, o que seria a teoria da sublimação do seminário 7. A *Coisa* está em todo lugar, pode ser nas periferias onde o irrepresentável aparece, a marginalidade, mas pode ser no coração da sua casa, na sua avó querida que vai voltar no Bolsonaro. E você não consegue entender como sua avó vai votar no Bolsonaro e quer argumentar com ela, vai dizer que ela tem que ser uma pessoa normal, ela parece uma louca, e você não está entendendo mais, de repente a sua avó virou a *Coisa*.

A erótica da *Coisa* corresponde também a epistemologia da *Coisa*, quando você vai falhando no saber e tem um gozo ali, que você não entende, não consegue nomear e figurar, começa a virar um vulcão para você. Isso está acontecendo demais nos nossos dias.

Na PUC quando pergunto: tem algum Bolsonaro na família? Todo mundo levanta a mão. Talvez vocês possam dar o depoimento do que é, quem está de fora, parece que vivo numa Disneylândia, não conheço um na minha família, eu conheço de conhecer, a experiência que ouço é que “você quer convencer a pessoa”, mas a pessoa já está num lugar que não é um lugar de convencimento, é outra coisa, esses 30%! Temos que convencer quem está silencioso e não é quem está mandando *memes*. A gente sabe que é mentira, a coisa não está passando por ali, é alguma coisa de gozo, olha para aquilo e não tem saber sobre aquilo, acha estranho, não consegue dizer que é bonito.

Se der uma recuada, consegue estetizar a *Coisa*, mas para isso vai ter que construir um contorno. No estado em que estamos acho que não conseguimos fazer com esse exemplo. Mas, vocês conseguem imaginar que avó fala que vai matar não sei quantos, e você vai justificar, ela também foi torturada, ela está meio-doida, vai construindo alguma coisa em volta, isso que o real de alguma coisa que você não sabe dizer, agora ganhou alguma coisa, ganhou forma, mas não é o real que ganhou forma, é o entorno. Isso que é a sublimação para Lacan no seminário 7.

Sublimar não é ignorar, recalcar, não é fingir que não está, é construir algo no entorno, aquilo passa a ser um objeto, mais é vivo porque você não colocou uma representação no lugar dele, se não seria sublime, aí é tudo ou nada, você fica totalmente obcecado, é Deus, ou se joga fora na primeira esquina, daqui a pouco vai aparecer outra experiência de real. De outra maneira, sublime clássico só afeta quem é afetado por ele, quem não é afetado não é, enquanto que a operação de sublimação da arte, ela produz alguma coisa que tem o interior vazio, irrepresentado e não necessariamente, interior. Você sente que está no coração da *Coisa*, você está quase lá.

O exemplo de sublimação de Lacan é o vaso de Heidegger, “quando você faz um vaso, você constrói o lugar da *Coisa*”, de outra maneira também é uma vantagem, porque você localiza, é a minha avó, é o Bolsonaro. Não é o Bolsonaro, todo mundo sabe que não é, é uma espécie de discurso subterrâneo, assustador, você não sabe onde localizar esse discurso subterrâneo assustador, mas ele estava ali, mas a gente não via. Quando se constrói o lugar de onde ele vem, bota alguém anunciando, a gente localiza, isto que é a operação de sublimação, no sentido de Lacan do seminário 7, constrói o vazio da *Coisa*, não é bem sublimação, porque não está vazio. Uma obra de arte seria uma obra de arte porque ela é vivo, porque dentro não tem nada dizendo nada, o que diz é o em volta, nesse caso não é bem assim, mas tem disso de Lacan no seminário para dizer “a sublimação é quase que fundamental para o laço social”. Se não construir um modo de real, sem tapá-lo não se consegue viver em sociedade.

A teoria da sublimação, a erótica da *Coisa*, a sublimação da *Coisa*, que não é o sublime, nem o clássico, nem o kantiano, é a sublimação, é um fazer, é um trabalho que produz a *Coisa* como um objeto, porque fez a circunavegação dela de alguma maneira, da sua *Coisa* de artista, da sua fantasia, de alguma coisa coletiva da época, não é a *Coisa*, mais é uma coisa que serve para muitas pessoas e quando faz isso serve de objeto, então temos a clássica frase de Lacan, que é “elevar o objeto a dignidade da *Coisa*”, não é elevar o objeto ao lugar da *Coisa*, mas a dignidade da *Coisa*, não é colocar o objeto como se fosse a *Coisa*, mas pegar um objeto no mundo e com ele construir um lugar para a *Coisa* nele, ele agora passa quase como se fosse a *Coisa*, mas a gente sabe que não é, senão, ficaríamos assustados demais.

Na minha experiência com um objeto de arte, eu tenho a experiência de um encontro, eu vi a *Coisa*, como se eu tivesse ali, cheguei na *Coisa*, mas como é a borda da *Coisa*, você sai, vai voltar, sai, tem que voltar, daqui a pouco estetiza, virou crítico de arte, perdeu o gozo da *Coisa*.

Participante: inaudível, 43 minutos.

Eu usaria bem esta história para falar do objeto *a* e não para falar da *Coisa*. Quero fazer o contraponto com o objeto *a*. É mais fácil imaginar um objeto do que uma instalação, porque essa é uma arte mais careta, estamos falando do seminário dos anos (1959-60), e uma espécie

de versão mais neurótica da arte, não é a arte contemporânea por exemplo, mas uma arte moderna, mesmo na arte moderna, se procurou as condições de representação da *Coisa* e você está sempre ali em volta. O impressionismo? Você está vendo aquelas cores e sente a *Coisa*, mas sabe que não é a *Coisa*. Pegou borrões, tintas e uma tela, e fez ela estar como se fosse a *Coisa*, elevada a dignidade da *Coisa*, não é a *Coisa*, ou tão realista que é mais realista que o real, e você diz “eu vi, mas do que se eu visse um filme”, isso é um pouco a experiência e a sua borda é o belo, nos impressionistas, quando você achar bonito já não é mais a *Coisa*, mas você lembra “foi bom meu bem!”.

Os objetos de bordas são por exemplo: as telas, as obras de arte, são duas coisas diferentes, os objetos de borda para o prazer neurótico das zonas erógenas e os objetos de borda que faz a *Coisa* na sublimação. Posso dizer: “tenho prazer nos lábios da amada”, esse é o entorno da boca da amada que é a minha *Coisa*. Essa boca da amada não é sublimação, essa boca é a borda onde fico para ser feliz, mergulho e volto, fico por ali, beijando e sou feliz, essa é a lógica da zona erótica, ou a erotologia do desejo como Lacan fala no seminário 7, envolvendo a erótica da *Coisa*.

A sublimação, se fossemos fazer isso, você pega isso que é para aquela pessoa os lábios e transforma isso num objeto pegando objetos do mundo e consegue trazer a experiência dos lábios da amada para os objetos do mundo e algumas pessoas vão compartilhar dessa experiência. Isso é feito com objetos do mundo. Mas eu tenho essa experiência com uma boneca que comprei e que tem uma boca que sou apaixonado por ela, tudo bem, a boneca, mais não é a mesma coisa que pegar essa boneca e colocar em cima de algum lugar com outros para alguém ter o sentimento das coisas que esse artista tem.

A sublimação é um trabalho para construir um lugar da *Coisa*, não é você chegar perto da sua *Coisa*, ter prazer e voltar, vocês conseguem sentir a diferença?

Aqui temos toda uma teoria da arte, do objeto de arte, pelo menos até a modernidade sem contar a contemporaneidades, porque aí vira um objeto que desaparece. Esse que é o problema e que nos interessa, o objeto desaparece. Essa teoria serve para quando você pode dizer: isso aqui que é o objeto. Com as instalações vai ficando difícil porque com as instalações você desmonta.

O Bispo do Rosário por exemplo, aquele monte de canecas, de sandálias havaianas é arte, mas quando ele morre, as pessoas começam a pegar as sandálias havaianas e usar porque ninguém pensava que eram objetos de arte, era só uma coleção de sandálias havaianas dependuradas. Você vê que não é o objeto, não é mais a montagem do objeto, é uma série de coisas, a arte hoje não pensa só o objeto, os objetos são quase que secundários.

E o objeto causa?

O objeto *a*, Lacan a tantas reconhece e Miller tenta mostrar isso no “Os seis paradigmas do gozo”: (opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf), o paradigma da *Coisa*, tem um impasse clínico também. O que é uma direção de uma análise, para uma pessoa normal? É cair dentro da *Coisa*? A pessoa tem uma overdose e vai embora. É fugir da *Coisa*? Ai a vida perde a graça. É você encontrar o meio do caminho? Essa é a tendência a

pensar, porque uma análise, é encontrar sua borda e ficar parado ali, parece meio medíocre, não é a lógica da *Coisa*, porque a *Coisa* não fica parada, então você vai encontrar a sua borda, daqui a pouco tem outras, difícil imaginar o que é uma análise quando o paradigma é a *Coisa*.

Não é uma ética do meio termo, não é uma ética de mergulhar na *Coisa*, o que seria sadiano, não é a ética de aceitar a castração, porque você não vai poder gozar da *Coisa*, tem uma dificuldade aí. Lacan fala do desejo, fica confuso, segundo Miller ele fica pensando que tem que dá uma melhoria e a melhoria é o objeto *a*, o objeto *a* não é a *Coisa*, falei sobre a *Coisa* para entender o que o objeto *a* não é a *Coisa*, somos tão neuróticos que só conseguimos imaginar que o real é a *Coisa*. O objeto *a*, não, o objeto *a* não é também a borda da *Coisa*. Temos a achar que o objeto *a* é esse objetinho que está ali marcando a fronteira, o Belo, o resto não é a borda da *Coisa*. O objeto *a* é aquilo que está sendo continuamente extraído do mundo para que o mundo não tenha a *Coisa*.

Não tem erótica de vulcão, não tem mais vulcão, o mundo agora é outra coisa, está sempre excluindo alguma coisa para poder ter o desejo, mas o desejo não é direcionado mais a *Coisa*, você sumiu com o vulcão. Agora é assim, vai extraindo algumas coisas enquanto elas tiverem de fora, eu desejo, se elas entrarem eu perco o desejo, é outra erótica.

O exemplo de Lacan do seminário 10 é o sapato, o cara é fetichista e o sapato preto da loira, Lacan vai dizer que não é do fetichista que ele está falando, esse sapato é que ele só gosta dela se ela tiver sem o sapato, ele não tem tesão nenhum no sapato, mas se ela não usar o sapato, ou tirar sapato, ele não tem tesão nela. Deu para entender? O objeto *a* é esse sapato, se lermos como a erótica da coisa, vamos dizer que ele não aguenta a mulher, ele prefere o sapato, ou ele a prefere tirando o sapato, porque ele fica na borda. Não, ele não tem tesão no sapato, mas as roupas dela que ele não gosta, inclusive ele prefere que ela não esteja, aí ele tem tesão. O objeto *a*, são as roupas que ele não gosta.

Mas, ao mesmo tempo, no sentido do que Lacan vai desenvolver, ele dá a verdade do desejo dessa pessoa, a verdade aqui, não é o fundamento do desejo, é verdade por contraposição, sempre que o que foi excluído é que você pode gozar do que você goza. O que tem que está excluído para você gozar do que você goza? É aí que o cabo Daciolo se insere.

O cabo Daciolo é a causa de Bolsonaro?

O Bolsonaro, se você tira do discurso dele e das pessoas que votam nele, se você tira esse aspecto delirante do cabo Daciolo ele se sustenta, ele só se sustenta se você tira. Bolsonaro fala: eu amo as mulheres, eu respeito as mulheres, todo mundo sabe que não, mas o discurso só se sustenta se ele exclui alguma coisa desse discurso e achamos que é alguma coisa do tipo: “eu quero mais é matar e estuprar essas mulheres”. Isso aí seria a *Coisa*. Não é isso, o que está sendo excluído é o que o cabo Daciolo faz no debate: “mamãe, eu te amo”, “Amanda eu te amo”, isso se Bolsonaro fizer ele perde todos os votos dele, entenderam? A gente queria até que ele fizesse.

Imagem todo mundo lá: agricultor, que acha que tem que acabar com essa pouca vergonha, se ele falar “mamãe eu te amo”, eles vão falar “esse cara está estranho”, tem alguma coisa que está continuamente excluída, digamos o lado bobão, criação, claro que vocês podem fazer essa

exclusão pelo lado ruim, por exemplo “vontade de matar”, mas isso vai evocar muito a erótica da *Coisa* e eu quero trazer a erótica do objeto.

Numa família do bem, está sempre excluindo algumas coisas para a família de bem, essa coisa que está continuamente sendo excluída, não é a *Coisa*, é uma bobagem, isso é o objeto *a*. Mas se essa bobagem não ficar continuamente excluída, nada se sustenta. Ele está sempre caindo, essa é a metáfora de Lacan, se você olha para ele não tem o menor tesão, não tem nada demais, mas não fica assustado, não quer mergulhar, não tem nada disso, mas por incrível que pareça na hora em que ele vem, acabou o tesão. Acaba a estrutura do desejo, porque ela precisa da exclusão de alguma coisa.

Karen Blixen, “*A página em branco*”, que Rafael lembrou, na série de lençóis manchados, a rainha tinha que sangrar, o que é continuamente excluído é o sangue da rainha, apesar dela ter que sangrar e ninguém pode ver, rainha sangra, isso é bobagem, aí as freiras guardam todo o sangue da rainha, nos lençóis e todo mundo acredita, é difícil pegar a ideia, mas se aparece o sangue da rainha é por isso mesmo que ela é rainha, porque ela sangrou, mas eu não posso ver o sangue da rainha, senão, eu já não consigo achar que é uma rainha. É difícil, tem uma coisa que aquela pessoa não pode mostrar, se ela mostrar, acho até ela mais legal por causa dessas coisas, mas, perco o tesão, porque o desejo funciona com algumas coisas fora do horizonte, esses são os objetos *a* diferente do objeto de borda, eu não chego perto, fico perto do objeto e gosto. É o objeto que sai.

Vânia: ficou confuso.

A erótica do objeto *a*, não é uma erótica, a erótica da *Coisa*, a gente entende, a erótica do objeto *a*, é a erótica da causa da erótica, não é a erótica, é o objeto que é a chave, para que tudo aconteça.

Participante: é o circuito?

Circula se esse objeto ficar de fora, o circuito você vê, não vê o objeto.

Pensem na “*A direção do tratamento*”, o que você vai fazer é encontrar o objeto que é mais ou menos a clave da sua partitura. Quem quer saber da clave de só, fá, lá? Mas elas são aquilo que dá condições para que tudo aconteça, você vai tocar se não pensar naquele sinal e sim nos sinais tempo de música, de velocidade, esse é o circuito desejo, agora isso tudo é presidido por alguma coisa, que ninguém está dizendo, mas se tira essa coisa nada mais acontece. Não quer dizer que se tem tesão nessa coisa, ninguém tem tesão na clave, é uma convenção qualquer, mas se você faz uma análise pode pensar que a direção do tratamento, é encontrar sua clave, que aí você vai tocar sua música de outro jeito, continua tocando a música, isso é o que Lacan vai chamar de ter estilo. Vai encontrar sua clave, não é que agora vai pegar e levar para a cama senão você vai perder o tesão, ganha uma certa intimidade com ela que faz com que você agora vai tocar sua música quase como se tivesse ali a localização do diapasão do seu canto e isso dá um jeito diferente de estar no canto. E aí Vânia?

Vânia: a comparação com Bolsonaro, parece fraco, queria descobrir o objeto *a* de Bolsonaro. O nervosinho do Eduardo Paes, acho que ali tem alguma coisa.

Já descobrimos, é o cabo Daciolo. Estou querendo fazer o contrário, usar o conhecimento que a gente tem dessa situação política e pegar o conhecimento que temos de trabalhar, com o objeto *a*, em análise, estou tentando transmitir essa ideia, dando exemplos, não sei como faria para aplicar e conseguir uma vitória nas urnas. Adoraria.

Acho que sua situação também ensina sobre o objeto *a* e a *Coisa*, a *Coisa* o que que é? É o Eduardo Pais. O que é essa coisa: falcatura, corrupção, Odebrecht, Porto Maravilha, essa coisa horrível. Se a gente acha que tem um vulcão de corruptos, vai indo, vai indo e vai caindo mais, essa é a erótica da *Coisa*.

O que seria pensar isso a partir do objeto *a*? Tem uma montagem de gozo que vai acontecendo e tem algumas coisas que vai sendo continuamente excluída, por exemplo, não sei se é isso o nervosinho do Eduardo Paes, se você colocar isso em cena, fica sem graça. É diferente, você está lidando com o real de outra maneira, o real é aquilo que é continuamente excluído, não é aquilo que é continuamente buscado, e você nunca chega, é aquilo que está sendo continuamente excluído, não o real, o real está se alguma coisa for continuamente excluída, o objeto *a* não é o real, senão poderíamos pensar que ele é a *Coisa*, ele é uma coisa concreta do mundo. Concretas da sua história, mas se ela está continuamente excluída essa passa a estruturar a possibilidade do real aqui na cena porque alguma coisa está faltando, e aí você fala, vou achar aqui na cena. Você não sabe que ele está fora se você analista for buscar ele fora da cena, aí se perde a cena, para que perder a graça das coisas? O que você quer na análise é se apropriar um pouco do fora de cena, mas não existe esse lugar fora de cena para onde você vai mudar, você apropria dessa coisa, dá o nome para ela, constrói a sua fantasia, aí você está um pouco no diapasão do seu desejo. Isso muda a direção clínica, no final de uma análise apresenta mais nesse sentido, construir e atravessar, atravessar é pegar os objetos, para concluir, pouquinho. E a sublimação?

Qual a relação entre o objeto *a* e a sublimação?

A *Coisa* e a sublimação, a relação era, ela não está lá, está em todo lugar, localizo a *Coisa* construo um objeto que vai trazer a *Coisa* para a gente. Sublimação. E agora? Como fica a sublimação, qual a relação entre o objeto *a* e a sublimação? Não tem muito. Mais ou menos. Ele é um pouco a verdade da sublimação, posso construir alguma coisa com o objeto *a*, mas não vai dar muito efeito da *Coisa*, por isso que isso nos interessa, porque nós estamos em tempos em que essa história de a *Coisa*, somos nós que estamos vivendo esse negócio de a *Coisa*, somos nós, quem? Os que estão sem pai, nem mãe nem vizinho.

Quem está lá replicando *memes* falsos, não é um monstro, isso que é o pior, sei lá o que ele é, ele está fora desse registro “existe uma verdade e essa verdade eu posso tentar chegar mais é difícil”, não! Eu tenho minha escolha e acabou. Poderíamos dizer que é o pragmático puro, quem está na erótica da *Coisa*, na erótica da *Coisa* não é o pragmático, ele está buscando a essência da *Coisa*, buscando a verdade, ele acredita em alguma *Coisa* em si, mas fica horrorizado quando chega, porque a verdade as vezes é horrível.

Então, a teoria da sublimação vai junto com o paradigma da *Coisa*, a teoria do objeto *a*, é uma transição para um espaço onde a teoria da sublimação vai ter que mudar, ela não está mais

lidando com a ideia do real em si, do real silencioso, horroroso e o objeto *a* é a minha transição para o nó, para a sublimação do seminário 23.

Com o objeto *a* é difícil falar em sublimação. Se você pega restos, o Vick Muniz pega por exemplo o pessoal do lixão, que seria a princípio aqueles que estão continuamente sendo excluídos da sociedade para que a sociedade exista, e traz ele monta alguma coisa e a gente vai lá e gosta, estamos lidando com o objeto sublimação, ele talvez não, para o pessoal do lixão, talvez não, eles estão ganhando dinheiro, ai talvez eles não estejam no mesmo registro da sublimação, do que que aqueles que vão lá e adora.

Esse registro da sublimação diferente é o que vamos estudar o ano que vem, agora estamos nos apropriando da sublimação e do objeto *a*, causa, Coisa, achei que era um jeito bom da gente perceber que o é objeto *a* não é a Coisa, e nem objeto de borda, é um objeto que tem que ficar caído, caído não é que vou olhar para ele e dizer, nem quero te ver, eu nem vejo, se ele vier digo tô vendo, já sei o que é, mas agora eu vou para casa, não sei se quero mais.

Achei que falar da *Coisa* é um momento bom para a gente. Pelo menos me servir um pouco. O que está acontecendo na clínica? Está todo mundo desesperado e esse horror, se você está nessa relação com a *Coisa*, existe uma espécie de fascismo que vira *Coisa*, isso se coletiviza e ficamos meio que paralisado. O que a análise me ensina ou me serviu é que o registro do objeto *a* é outro tipo de paradigma do gozo, me dá um pouco mais de liberdade, não sei se tem eficácia, as vezes você fico horrorizado, mergulhar no vulcão, se matar ou morrer talvez seja melhor, para a política, mas para a política da psicanálise talvez não envolva isso, pelo menos depois do seminário 7, não.

No seminário 7, é trágico, Lacan diz “se você for para a *Coisa*, ele vai buscar a tragédia para mostrar, não tem vida, então ficar nesse movimento e a *Coisa*, temos que destruir, o que nos destrói, tudo é difícil. Não estou querendo ser pacifista, estou chocado, horrorizado, com o “quero matar ou morrer”, estou falando contra mim mesmo, mas tem qualquer coisa na direção de uma análise que é muito mais se você se apropria do que é aquilo que está sendo continuamente excluído, porque você tem um certo poder sobre o que está acontecendo, mas é um poder estranho, tem gente que vai morar nesse lugar, ai ganham poder, “eu sou histericamente, aquele que está sendo continuamente excluído, mas pode ser também, eu sou o resto que sabe que sustenta aquilo tudo de algum jeito.

Mas não é para identificar lá, é só para pensar que é um fazer político, também. Operar com aquilo que está sendo continuamente excluído, não operar com aquilo que está sendo continuamente dito. Não converse com quem já está lá, converse com quem não está falando. Porque essas pessoas estão continuamente excluídas? Para não conseguirem dizer que vão votar. Elas estão com vergonha de alguma coisa. Fazer vergonha nessas pessoas dizendo que elas são fascistas, não vai resolver. Ou elas não são e não conseguem se reconhecer ali, ou elas até são, aí, não estão podendo assumir. É melhor procurar as coisas que cada um está excluindo, essa é outra diferença. Cada um tem seus objetos que caem, os objetos de bordas são mais positivos, os lábios são objetos de borda coletivos, o que é aquilo que tem que sair do beijo da sua amada para você gostar? É muito difícil. Só sei o que que tem. O que é que está o tempo todo ali presente como não sendo? Isso é o objeto *a*, estamos ali sempre um pouco presente,

sem você perceber ele está ali como não sendo, e você não percebe, se você perceber, o que você está sendo, deixa de ser.

A proposta de Beatriz Preciado, “você traz o dildo para a relação, porque você vai ver uma coisa que está continuamente não sendo, que é o pênis, sendo. É sempre mais ou menos, mas você fica querendo que ele seja, o tempo todo. Bota lá o pênis o tempo todo, que você vai ver qual é a condição do desejo, não é bem isso. Podia ser que tivesse um pouco, não sempre. Se você toma Viagra sem parar, isso é Lacan do seminário 10, a mulher que encontra o homem o tempo todo querendo, ela se assusta.

Para tentar localizar o objeto, seria essa de colocar o objeto em cena para ver? Não sei. Era isso, da *Coisa* a causa. Porque Lacan chama de causa? Porque para a gente é muito difícil, ele quer fazer um jogo – resto e causa – com os nossos ideais. Na época, as causas, as grandes causas, matar ou morrer pela grande causa, hoje estamos mais diante de grandes horrores, que mais ou menos ideal e ele tenta mostrar o percurso da causa que ele vai fazer no seminário 11. Sempre que a gente falar em causa, porque tem alguma coisa errada, estranha, troncha, e quando as coisas entendem como elas estão, vai falar de explicação, não quer saber a causa. Qual é a causa disso? Vou te explicar. A dimensão da causa não está presente. A dimensão de uma coisa que me mobiliza enlouquecidamente. Ah! É isso. Então a dimensão da causa vai embora. A dimensão da causa só está presente quando está tudo meio estranho. É isso que é a chegada na *Coisa*, só que agora você vai encontrar a causa. A causa não é a *Coisa*, porque você não vai encontrar. Você vai encontrar a causa como continuamente excluída. Lembra-se de que a *Coisa* era o interior excluído, objeto a , é o exterior excluído. E a *Coisa*, você nunca consegue nomear, o objeto a você consegue mais ou menos o nome de algumas coisinhas, e o desejo muda, consegue se apropriar do diapasão do desejo.

O Bufão faz isso. Daciolo é um bufão do Bolsonaro, o do discurso, o bufão da verdade do rei, tentem entender isso, a verdade do rei porque mostra como o rei é ridículo, não ele mostra que sem o bufão, o rei não é rei, essa é a verdade de Lacan. O objeto a é a verdade do discurso, o bufão fica fingindo que o rei e aí você vê que o rei é o rei, o rei está nu, o bufão diz aquelas coisas que não podem dizer, mas porque elas estão sendo ditas o rei pode continuar sendo rei.

É um pouco a criança da casa, a mulher do patriarca. Ela diz alguma coisa que não se pode dizer até dele mesmo, e ele continua sendo rei. Isso não é a verdade dele no sentido de “isso é o que ele é no fundo”, a essência dele, é a verdade daquele jogo, é a criança como verdade do casal parental. Ela diz alguma coisa no sintoma dela que não pode ser dita, senão aquela família acaba, por isso que ela não pode dizer, ela só pode atuar. É nesse sentido que o objeto a é a causa. Essa criança é a causa daquela família, não porque a criança vai falar que aquela família é, se a aquela criança não for continuamente excluída num certo gozo dela, aquela família não se sustenta. Ela é a verdade da família. Quem disse que tem que saber a verdade da família? Vai destruir a família com isso? Para a criança pode ser bom eventualmente, para a família, não, pegaram um pouco o que é o objeto a ? A criança como objeto? É nesse sentido que Lacan usa.

Envio os textos, agora vamos voltar para concluir com o sinthoma e sublimação.